

IOLE EXPÕE OBRA ABERTA

FOTOS PAULO DE DEUS



A artista plástica Iole de Freitas e detalhes de lâminas de vidros que integram a exposição que inaugura esta semana no Museu de Arte da Pampulha, em Belo Horizonte

Artista acentua visibilidade em instalação e objetos em mostra no MAP

MILTON LUIZ
REPÓRTER

Iole de Freitas diz se lembrar ainda hoje da sua imagem de menina bailarina cruzando o palco do Teatro Municipal do Rio. "Aquilo, para mim, era o infinito". Essa paixão pela dança e pelo movimento, que nasceu antes mesmo de ela aprender a ler e escrever, permeiam a arte da escultora. A partir de sexta-feira, o trabalho mais recente dessa belo-horizontina, que vive no Rio de Janeiro, poderá ser visto no Museu de Arte da Pampulha, na mostra "Transparências". Estou tentando trabalhar a visibilidade. Essa é a questão fundamental dessa instalação aqui no MAP", diz a artista a O TEMPO, diante de telas metálicas que cortam o espaço do primeiro andar do museu, ao lado de lâminas de vidros.

Iole de Freitas descreve assim sua instalação: "São telas soldadas, feitas de material industrial comum, que têm esse brilho do ferro galvanizado, ancoradas por ardósias; estruturam uma forma que percorre o espaço, criando planos que se doblam sobre si mesmos. Junto a esses volumes, estão lâminas de vidro que dialogam com a estrutura de vidro do próprio museu". Para acentuar a visibilidade, a escultora pediu a abertura das cortinas do prédio, evitando qualquer tipo de vedação e permitindo que a paisagem externa entrasse dentro do museu.

"Experiência que não é novidade na trajetória de Iole. Fiz a mesma coisa no Museu de Arte Moderna de São Paulo, que fica no Parque Ibirapuera. Abri as cortinas, não coloquei painéis. Percebi que as pessoas de fora ficavam com vergonha de entrar no museu. Mas não tem importância. Eles acabam se acercando das vitrines, olhando de fora o trabalho. Isso vai criando uma certa sedução, um chamado para que se aproximem. Acho importante a discussão com nossos pares — artistas, críticos, mas acho que o artista trabalha para o público em geral".

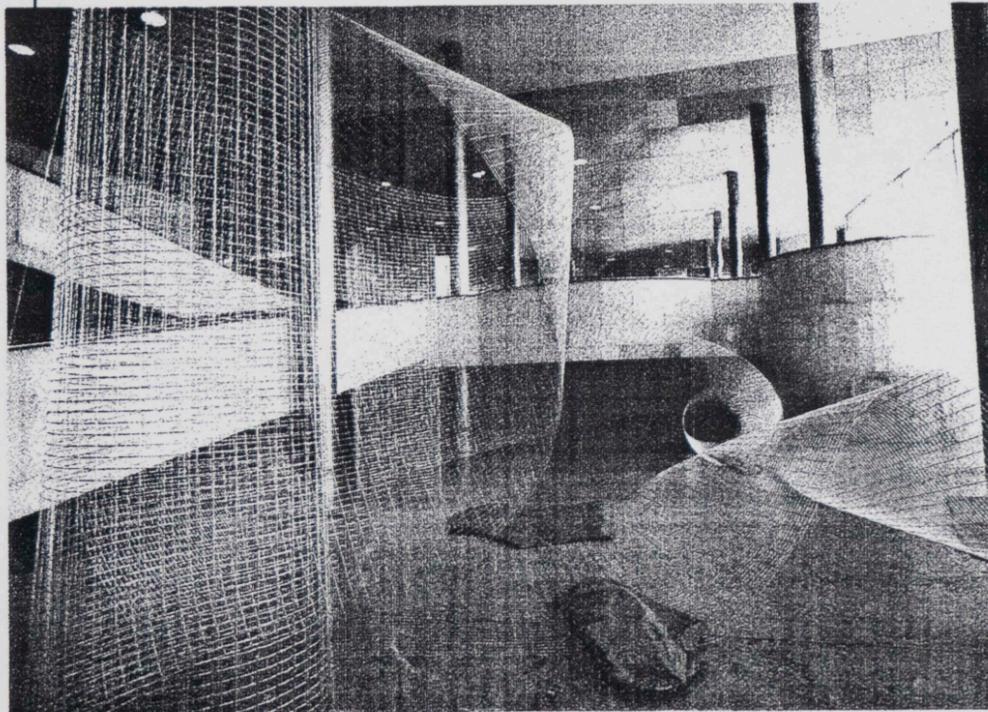
No segundo andar do MAP, Iole mostra trabalhos que remetem ao

início de carreira, datados da década de 70, quando a escultora trabalhava com fotos e filmes super-8mm e 16mm. "São imagens dos anos 70 projetadas e impressas nos vidros. São trabalhos que chamo de 'Aramão' e 'Coluna'. Os dois trazem toda essa questão do prumo do corpo, da dança, elementos bastante significativos dentro do meu processo de trabalho".

O convite para expor no Museu de Arte da Pampulha — é a primeira vez que seus trabalhos são mostrados ali — veio da ex-diretora Priscila Freire, em 95. Os últimos dois anos ela passou trabalhando na elaboração da instalação. Veio várias vezes a Belo Horizonte medir, fotografar, desenhar e fazer maquetes do lugar. "É impossível deixar de se sentir estimulado pela arquitetura de Niemeyer. Apesar de ter sido construído para ser um cassino, o museu é magnífico, serviu perfeitamente para toda uma estrutura museológica. É muito mais estimulante e produtivo você lidar com uma arquitetura vigorosa, com uma poética própria, do que com uma neutralidade total".

É, por isso, que a artista afirma não querer fazer de conta que não existe o projeto de Niemeyer. "Pelo contrário. Quero estar atenta para cada questão da própria arquitetura. A questão da transparência está muito presente no MAP. Ele é todo de vidro na parte de baixo. Os vidros entram no meu trabalho, as telas são extremamente transparentes, e a sinuosidade da obra dela está presente nessas telas e na sultura dos elementos. Quero que as pessoas circulem por essa instalação. Não é para ficar parado, olhando de um só ponto de vista. O próprio corpo vai construindo, passo a passo, a percepção espacial da relação da arquitetura de Niemeyer com as construções do meu trabalho", afirma.

AGENDA — "Transparências", mostra de Iole de Freitas. Abertura, amanhã, às 19h, para convidados, com uma palestra da escultora. Local: Museu de Arte da Pampulha (avenida Otacílio Negrão de Lima, 16.585, Pampulha, tel.: 277-7955). A mostra permanecerá em cartaz no período de 28 de maio a 27 de junho, podendo ser visitada de terça a domingo, das 9h às 19h. Entrada franca.



Detalhe da instalação "Transparências", de Iole de Freitas, que estará em exposição no MAP; artista utiliza materiais como telas metálicas e pedras de ardósia

"Mineiros detêm forte introspecção"

Iole de Freitas nasceu em 1945, em Belo Horizonte. Mas ficou pouco por aqui. Já aos cinco anos, se mudava para o Rio de Janeiro, onde iniciou os estudos e a prática de dança contemporânea e estudou na Escola de Desenho Industrial durante 1964 e 1965. Nos anos 70, mudou-se para Milão, onde trabalhou como designer na Olivetti. E foi na Itália que ela começou a organizar suas primeiras exposições. "Nesse período, trabalhava com fotos e filmes. Existe um campo, na Europa, dentro das artes plásticas, que absorvia esse tipo de linguagem, usando foto e filme como estrutura".

Em 1975, participou da Bienal de Paris, com trabalhos feitos a partir de fotogramas de filmes em 16mm. A volta ao Brasil aconteceu em 1978. "Foi difícil recomeçar aqui, tendo já oito anos de trabalho lá fora, inserido em museus, bienais e galerias. Mas, por outro lado, foi muito produtivo porque toda a força dessa linguagem escultórica veio através do contato que tive com Lygia Clark e Hélio Oiticica, entre outros".

Questionada sobre o que tem seu trabalho de mais mineiro, Iole

responde que o "caráter de ensimesmamento". "Quem nasce aqui detém, de uma maneira ímpar, uma condição de introspecção", explica. "A gente percebe uma dimensão humana extremamente profunda em Amílcar de Castro, Hélio Pellegrino... São espíritos destemidos, sem nenhum pieguismo, com profunda verdade naquilo que fazem, com muita introspecção. E nós, filhos deles, corremos atrás".

Entre suas influências, Iole cita Tarsila do Amaral, o construtivismo russo, os objetos e esculturas de Pablo Picasso e as fotos de Degas. "Pouquíssimas pessoas conhecem os trabalhos fotográficos de Degas, que geraram um olhar que define o enquadramento das pinturas e dos painéis". Ela também ressalta a importância de Lygia Clark e Hélio Oiticica. "Sem todo o processo de abertura deles, seria impossível a gente fazer o que faz". Iole permanece em BH até sexta-feira. Amanhã, profere palestra para convidados abordando seus 25 anos de carreira e seu processo de trabalho. Depois, regressa ao Rio, onde mora atualmente, e volta no encerramento para lançar a documentação gráfica da exposição. (ML)